

ESTRESSE, RESILIÊNCIA E POLÍTICAS PÚBLICAS NA MOBILIDADE TRANSCULTURAL: COMO AS DIMENSÕES DE HOFSTEDE ORIENTAM ESTRATÉGIAS PARA A GESTÃO DE DIFERENÇAS CULTURAIS

 <https://doi.org/10.56238/arev7n3-212>

Data de submissão: 20/02/2025

Data de publicação: 20/03/2025

Alberto Abad
UFJF
<https://orcid.org/0000-0002-7748-6008>

Luís Antônio Monteiro Campos
UCP e PUC-RIO
<https://orcid.org/0000-0002-2707-5593>

Ana Lucia Mendes Teixeira
UNIVERSO e UNESA
<https://orcid.org/0000-0001-8228-7882>

Diogo Bonioli Alves
UFRJ e UNIGAMA
<https://orcid.org/0000-0001-9824-1811>

Gabrielle Espósito
UNIVERSO
<https://orcid.org/0000-0002-2196-5878>

Julia Bomfim
UCP
<https://orcid.org/0000-0003-4351-7424>

José Carlos Tavares da Silva
UNIGAMA e UNICBE
<https://orcid.org/0000-0001-8880-2988>

Thelma Mary Araujo de Oliveira
UNESA e UNIGRANRIO
<https://orcid.org/0000-0003-3754-3001>

RESUMO

A mobilidade transcultural, intensificada pela globalização, é um fenômeno central do século XXI, promovendo diversidade, mas também desafios psicológicos como o estresse cultural, oriundo de barreiras linguísticas e choques de valores. A psicologia transcultural analisa como a cultura influencia o estresse, utilizando o modelo de Lazarus e Folkman, que destaca avaliação primária (percepção de ameaça) e secundária (recursos de enfrentamento). As dimensões culturais de Hofstede, como individualismo vs. coletivismo, mostram como valores moldam o estresse, com culturas coletivistas oferecendo suporte social e individualistas ampliando a pressão por autonomia. Em contextos multiculturais, discriminação e diferenças de normas agravam o problema, exigindo políticas públicas

que promovam adaptação. Há necessidade de mais pesquisas sobre intervenções estatais para mitigar o estresse transcultural.

Palavras-chave: Mobilidade transcultural. Estresse cultural.

1 INTRODUÇÃO

A mobilidade transcultural, impulsionada pela globalização e pela formação de redes internacionais, consolidou-se como fenômeno central do século XXI (Abad, 2024; Leong & Liu, 2013). Embora promova diversidade e inovação, essa dinâmica gera desafios psicológicos significativos, especialmente na gestão do estresse cultural — resultante de barreiras linguísticas, choques de valores e discriminação em contextos multiculturais (Arciszewska, 2023; Liu et al., 2022; Ward et al., 2001). Denominado também "choque cultural" (Olson, 2020), esse fenômeno emerge quando indivíduos enfrentam ambientes culturais conflitantes, exigindo adaptação a normas desconhecidas (Arciszewska, 2023).

A psicologia transcultural, ao investigar como fatores culturais moldam comportamentos e emoções (Abad, 2024), destaca a interação entre cultura e processos de estresse. Conforme Lazarus e Folkman (1984), a resposta ao estresse envolve duas etapas cognitivas:

1. **Avaliação primária:** Identificação de uma situação como ameaçadora (ex.: desconhecimento de práticas culturais).
2. **Avaliação secundária:** Análise dos recursos disponíveis para enfrentá-la (ex.: suporte social ou domínio linguístico).

Em ambientes multiculturais, a avaliação da ameaça e a capacidade de enfrentamento dependem de fatores como familiaridade com a cultura local e percepção de suporte social. Essas etapas são mediadas por diferenças culturais, conforme ilustrado pelo modelo de dimensões culturais de Hofstede e Minkov (2010), que compara culturas com base em seis eixos, dos quais destacamos três:

- **Individualismo vs. Coletivismo:** Culturas individualistas exacerbam o estresse pela ênfase na autonomia e responsabilidade individual. Como destacam Hofstede et al. (2010), "nas culturas individualistas, as pessoas são vistas como responsáveis pelo seu próprio bem-estar, o que pode exacerbar o estresse em situações de adversidade" (p. 98). Sociedades coletivistas mitigam-no por meio de redes de apoio, onde o suporte social atua como amortecedor emocional.
- **Evitamento da Incerteza:** Culturas com alta aversão à ambiguidade reagem intensamente a situações imprevisíveis. Hofstede et al. (2010) observam que "culturas com alta aversão à incerteza sentem-se ameaçadas por situações que são desconhecidas, ambíguas ou imprevisíveis" (p. 191), demandando políticas que garantam previsibilidade (ex.: rotinas claras para migrantes).

- **Distância do Poder:** Hierarquias rígidas aumentam o estresse em interações com autoridades, contrastando com culturas igualitárias, onde a colaboração reduz tensões (Hofstede et al., 2010, p. 65).

Essas dimensões interagem com fatores contextuais e individuais, moldando experiências de estresse em ambientes laborais multiculturais. Nesses contextos, diferenças em comunicação e resolução de conflitos — enraizadas em valores culturais — podem gerar mal-entendidos. A teoria de Hofstede (2010) oferece, assim, ferramentas para identificar fontes de estresse e promover estratégias de gestão intercultural, como treinamentos que elucidem normas culturais subjacentes.

Na mobilidade transcultural de migrantes, essa dinâmica é ainda mais crítica. Indivíduos de culturas coletivistas em sociedades individualistas, por exemplo, enfrentam desafios ao conciliar valores comunitários com expectativas de autonomia. Barreiras como discriminação e diferenças nas normas sociais amplificam o estresse, exigindo políticas que integrem saberes locais (ex.: práticas terapêuticas tradicionais) a protocolos institucionais (Collins, 2021).

Este artigo, ao revisar a literatura, identifica lacunas para pesquisas futuras, especialmente no campo das políticas públicas. Destaca-se a necessidade de investigar como intervenções estatais — como capacitação intercultural de servidores públicos — podem mitigar o estresse transcultural, articulando evidências científicas e justiça social, conforme modelos como o bioecológico de Bronfenbrenner (1979) e o ciclo de políticas de Secchi (2014).

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 MULTICULTURALIDADE E ESTRESSE

O estresse transcultural emerge quando indivíduos confrontam normas culturais dissonantes de suas experiências prévias, como evidenciado em migrantes e expatriados que enfrentam marginalização e exclusão social (Berry, 2003; Zhou et al., 2008). Migrantes e expatriados, por exemplo, enfrentam desafios como marginalização e exclusão social, que exacerbam o estresse e comprometem o bem-estar (Zhou et al., 2008). Conforme a teoria de Lazarus e Folkman (1984), esse processo envolve:

- **Avaliação primária:** Percepção de ameaça em contextos culturalmente desconhecidos (ex.: diferenças linguísticas).
- **Avaliação secundária:** Mobilização de recursos como suporte social ou familiaridade cultural para enfrentamento.

Fatores estruturais, como discriminação institucional, exacerbam o estresse, comprometendo o bem-estar psicológico (Olson, 2020). Nesse cenário, compreender a influência das diferenças culturais na percepção do estresse torna-se vital para intervenções eficazes em sociedades multiculturais.

2.2 DIMENSÕES CULTURAIS DE HOFSTEDE E O ESTRESSE

As dimensões culturais de Hofstede et al., (2010) fornecem uma estrutura para compreender como valores culturais influenciam a maneira como o estresse é percebido e gerenciado. A seguir, são analisadas as principais dimensões e sua relação com o estresse.

2.3 INDIVIDUALISMO VERSUS COLETIVISMO E ESTRESSE

Esta dimensão aborda o grau em que as pessoas se veem como indivíduos independentes ou como parte de um grupo. Em culturas individualistas, há ênfase na autonomia e responsabilidade pessoal, o que pode intensificar o estresse devido à pressão por sucesso individual (Triandis, 1995). Segundo Lazarus e Folkman (1984), em tais culturas, as estratégias de *coping* tendem a ser focadas no enfrentamento individual dos problemas, podendo aumentar a sensação de isolamento em situações estressantes.

Em contrapartida, em culturas coletivistas, o apoio social é altamente valorizado e serve como importante moderador do estresse. Indivíduos nessas culturas tendem a buscar suporte em redes familiares e comunitárias, o que pode aliviar a tensão e promover o bem-estar psicológico (Wang et al., 2012). Lazarus e Folkman (1984) destacam que o suporte social efetivo pode facilitar estratégias de *coping* mais adaptativas.

2.4 DISTÂNCIA DO PODER E ESTRESSE

A distância do poder refere-se ao grau de aceitação das desigualdades hierárquicas em uma sociedade (Hofstede et al., 2010). Em culturas com alta distância do poder, interações com figuras de autoridade podem ser fontes significativas de estresse devido à formalidade e assimetria dessas relações (House et al., 2004). Lazarus e Folkman (1984) observam que, em situações de pouca percepção de controle, o estresse tende a aumentar, influenciando negativamente a avaliação cognitiva da situação.

Por outro lado, em culturas com baixa distância do poder, as relações são mais igualitárias e as interações com superiores são menos estressantes, favorecendo um ambiente de trabalho mais colaborativo e menos ansioso.

2.5 EVITAMENTO DA INCERTEZA E ESTRESSE

Esta dimensão reflete o nível de conforto de uma sociedade em relação à ambiguidade e incerteza (Hofstede et al., 2010). Culturas com alto evitamento da incerteza preferem regras claras e previsibilidade, reagindo com maior estresse a situações ambíguas ou imprevistas (Ashkanasy et al., 2002). Nessas culturas, mudanças organizacionais ou sociais podem ser particularmente desafiadoras, exigindo estratégias de *coping* focadas na redução da incerteza (Lazarus & Folkman, 1984).

Em contraste, culturas com baixo evitamento da incerteza são mais tolerantes à ambiguidade e flexíveis diante de mudanças, o que pode reduzir o impacto do estresse em situações de transição.

2.6 MASCULINIDADE VERSUS FEMINILIDADE E ESTRESSE

Esta dimensão diferencia sociedades que valorizam a assertividade, competição e sucesso material (masculinidade) daquelas que enfatizam relacionamentos, qualidade de vida e cuidado com os outros (feminilidade) (Hofstede et al., 2010). Em culturas mais masculinas, a pressão por desempenho e sucesso pode elevar os níveis de estresse, especialmente em ambientes competitivos (Lazarus & Folkman, 1984).

Culturas mais femininas tendem a promover cooperação e apoio mútuo, o que pode reduzir o estresse e favorecer estratégias de *coping* focadas no bem-estar emocional. A valorização do equilíbrio entre vida profissional e pessoal nessas culturas contribui para um ambiente menos estressante.

2.7 ORIENTAÇÃO DE LONGO PRAZO VERSUS CURTO PRAZO E ESTRESSE

Esta dimensão refere-se ao horizonte temporal de uma sociedade. Culturas com orientação de longo prazo valorizam planejamento, perseverança e adaptação, facilitando o enfrentamento do estresse em situações que requerem paciência e resiliência (Hofstede et al., 2010). Lazarus e Folkman (1984) sugerem que estratégias de *coping* focadas no problema são mais comuns nessas culturas, pois os indivíduos tendem a planejar soluções a longo prazo.

Já culturas com orientação de curto prazo priorizam resultados imediatos e manutenção de tradições, podendo experimentar maior estresse diante da pressão por respostas rápidas e soluções imediatas.

2.8 INDULGÊNCIA VERSUS RESTRIÇÃO E ESTRESSE

Esta dimensão aborda o grau em que uma sociedade permite a gratificação livre de desejos e impulsos (Hofstede et al., 2010). Culturas indulgentes incentivam a expressão de emoções e a busca por prazer, o que pode atuar como mecanismo de alívio do estresse (Lazarus & Folkman, 1984).

Em contrapartida, culturas restritivas controlam estritamente a expressão de emoções e desejos, potencialmente intensificando o estresse devido à repressão emocional. A falta de oportunidades para liberação de tensão pode levar ao acúmulo de estresse e afetar negativamente a saúde mental.

3 DISCUSSÃO

A análise das dimensões culturais de Hofstede revela que a cultura exerce influência decisiva na percepção e gestão do estresse em ambientes multiculturais. Culturas com alta distância do poder, evitamento da incerteza e orientação de curto prazo tendem a gerar contextos mais estressantes, enquanto culturas coletivistas e de baixa distância hierárquica oferecem redes de proteção social que mitigam tensões. Essa dicotomia tem implicações práticas diretas:

3.1 APLICAÇÕES EM CONTEXTOS MULTICULTURAIS:

- Equipes multiculturais beneficiam-se de treinamentos interculturais que elucidem normas culturais subjacentes. Por exemplo, em culturas com alta distância do poder, práticas de comunicação hierárquica podem reduzir mal-entendidos e conflitos (House et al., 2004).
- A teoria de Hofstede fornece base para políticas organizacionais inclusivas, como flexibilização de hierarquias e promoção de diálogos colaborativos (Secchi, 2014a).

3.2 MOBILIDADE TRANSCULTURAL:

- Migrantes de culturas coletivistas em sociedades individualistas enfrentam desafios ao conciliar valores comunitários com expectativas de autonomia. Políticas públicas que integrem saberes locais (ex.: rituais terapêuticos tradicionais) a protocolos institucionais são essenciais para reduzir o estresse (Collins et al., 2021).

3.3 PSICOLOGIA TRANSCULTURAL E POLÍTICAS PÚBLICAS

A integração do modelo de Lazarus e Folkman (1984) com as dimensões de Hofstede permite compreender o estresse como um processo cognitivo mediado culturalmente:

- **Avaliação primária:** Em culturas com alto evitamento da incerteza, situações ambíguas são percebidas como ameaçadoras, exigindo políticas que garantam previsibilidade (ex.: rotinas claras para migrantes) (Hofstede et al., 2010).

- **Avaliação secundária:** Em culturas coletivistas, redes de apoio social facilitam estratégias de coping colaborativas, enquanto culturas individualistas demandam intervenções focadas em autonomia (Wang et al., 2012).

3.4 DESAFIOS E FUTURAS PESQUISAS

A relação entre cultura e estresse não é homogênea. Fatores como contexto socioeconômico, gênero e acesso a recursos modulam essa dinâmica, exigindo abordagens contextualizadas. Pesquisas futuras devem explorar:

- Como políticas de apoio social (ex.: acesso universal à saúde mental) influenciam a manifestação das dimensões culturais no estresse.
- O papel de variáveis interseccionais (ex.: classe, etnia) na experiência transcultural do estresse.

4 CONCLUSÃO

A interseção entre as dimensões de Hofstede, a teoria de Lazarus e Folkman (1984) e a psicologia transcultural oferece um framework robusto para entender e enfrentar o estresse em contextos multiculturais. Principais conclusões incluem:

1. **Cultura como mediadora cognitiva:** As dimensões culturais moldam não apenas a percepção de ameaça, mas também os recursos de enfrentamento. Por exemplo, culturas coletivistas transformam redes sociais em escudos contra o estresse, enquanto culturas individualistas exigem estratégias de resiliência pessoal.
2. **Políticas públicas informadas por evidências:** A integração de treinamentos interculturais, saberes locais e modelos como o ciclo de políticas de Secchi (2014) é vital para promover inclusão. Programas como capacitação de servidores públicos e adaptação de terapias a valores culturais ilustram essa sinergia.
3. **Complexidade contextual:** A relação entre cultura e estresse é dinâmica, influenciada por fatores como condições econômicas e políticas de apoio.

Em um mundo marcado por fluxos migratórios intensos e globalização, a psicologia transcultural posiciona-se como ponte entre teoria e prática, promovendo intervenções que harmonizem diversidade cultural, evidências científicas e justiça social. Para avançar, é essencial transcender abordagens universalizantes, priorizando pesquisas participativas e políticas que reconheçam as nuances das experiências multiculturais.

4.1 LIMITAÇÕES

Embora este artigo ofereça uma revisão teórica abrangente, é importante reconhecer limitações. A falta de dados empíricos diretos limita a generalização das conclusões. Além disso, as dimensões culturais de Hofstede podem não capturar totalmente a complexidade das culturas contemporâneas. Futuros estudos empíricos são necessários para validar e aprofundar as relações aqui discutidas.

REFERÊNCIAS

- ABAD, A. Diretrizes Multiculturais da Associação Americana de Psicologia: Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner. *Integración Académica en Psicología*, v. 10, n. 29, 2022.
- ABAD, A. Psicología Transcultural e Multiculturalismo. Em: MONTEIRO CAMPOS, Luis Antonio; DA SILVA, José Aparecido (Orgs.). *INTERCULTURALIDADE: Uma Visão Geral*. 1. ed. v. 1, p. 113. Lugar de Fala, 2024.
- ARCISZEWSKA, H. Multiculturalism as a cultural, social and political phenomenon. *Problemy Opiekuńczo-Wychowawcze*, v. 616, n. 1, p. 3–16, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5604/01.3001.0016.2399>.
- ASHKANASY, N. M.; TREVOR-ROBERTS, E.; EARNSHAW, L. The Anglo cluster: Legacy of the British empire. *Journal of World Business*, v. 37, n. 1, p. 28–39, 2002.
- BERRY, J. W. Conceptual approaches to acculturation. Em: CHUN, K. M.; BALLS ORGANISTA, P.; MARÍN, G. (Orgs.). *Acculturation: Advances in theory, measurement, and applied research*. p. 17–37. American Psychological Association, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1037/10472-004>.
- BRONFENBRENNER, U. *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Harvard University Press, 1979.
- COLLINS, P. H. et al. Intersectionality as Critical Social Theory: Intersectionality as Critical Social Theory, Patricia Hill Collins, Duke University Press, 2019. *Contemporary Political Theory*, v. 20, n. 3, p. 690–725, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1057/s41296-021-00490-0>.
- HOFSTEDE, G. H.; HOFSTEDE, G. J.; MINKOV, M. *Cultures and organizations: Software of the mind: intercultural cooperation and its importance for survival*. 3. ed. McGraw-Hill, 2010.
- HOUSE, R. J. et al. *Culture, Leadership, and Organizations: The GLOBE Study of 62 Societies*. 2004.
- LAZARUS, R. S.; FOLKMAN, S. *Stress, appraisal, and coping*. Springer, 1984.
- LEONG, C.-H.; LIU, J. H. Whither multiculturalism? Global identities at a cross-roads. *International Journal of Intercultural Relations*, v. 37, n. 6, p. 657–662, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2013.09.004>.
- LIU, Q. J. et al. Stressors in the multicultural construction working environment. *IOP Conference Series: Earth and Environmental Science*, v. 1101, n. 4, p. 042010, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1088/1755-1315/1101/4/042010>.
- OLSON, M. D. The Influence of Social Exclusion on Posttraumatic Stress Reactions in Older Adult Veterans. *Social Work*, v. 65, n. 2, p. 123–130, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1093/sw/swaa008>.
- SECCHI, L. *Políticas públicas: Conceitos, esquemas de análise, casos práticos*. Cengage Learning, 2014a.

SECCHI, L. Políticas públicas: Conceitos: Esquemas de análise e casos políticos. Cengage Learning, 2014b.

SOUZA, C. Estado da arte da pesquisa em políticas públicas. Em: HOCHMAN, G.; ARRETACHE, M.; MARQUES, E. (Orgs.). Políticas públicas no Brasil. ENAP, 2007.

STAMATO, M. Exclusão social e subjetividade: O papel da psicologia na política de assistência social. Em: STAMATO, M. I. C. et al. (Org.). Psicologia e políticas públicas: Reflexões e experiências. p. 11–30. Santos: Editora Universitária Leopoldiaum, 2016.

TRIANDIS, H. Individualism & collectivism. Westview Press, 1995.

WANG, K. T. et al. Profiles of acculturative adjustment patterns among Chinese international students. *Journal of Counseling Psychology*, v. 59, n. 3, p. 424–436, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1037/a0028532>.

WARD, C.; BOCHNER, S.; FURNHAM, A. The psychology of culture shock. 2. ed. Routledge, 2001.

ZHOU, Y. et al. Theoretical models of culture shock and adaptation in international students in higher education. *Studies in Higher Education*, v. 33, n. 1, p. 63–75, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1080/03075070701794833>.